

MEIO AMBIENTE

DISFARCE
Florestas
aparentemente
intocadas
escondem a
extração de
madeira nobre
sob a copa
das árvores

O rombo é maior

Estudo inédito revela as dimensões da exploração madeireira na Amazônia e comprova que a devastação é 41% superior ao que se via

ALEXANDRE MANSUR

Uma pesquisa revela que a devastação na Amazônia é 41% maior do que se imaginava. Graças a novas técnicas de rastreamento, desenvolvidas por pesquisadores brasileiros nas universidades americanas de Michigan e da Califórnia, foi possível enxergar o verdadeiro tamanho do estrago na maior floresta tropical do mundo. As duas equipes criaram programas de computador para analisar as fotos do satélite Landsat, que monitora a Amazônia. "O método identifica regiões da floresta que já sofrem alguma exploração de madeira, porém ainda imperceptível nas grandes imagens de satélite", diz Carlos Souza, da Universidade da Califórnia.

A extração da madeira nobre antecede o corte total das árvores. Primeiro, retiram-se as espécies com maior valor comercial, como mogno e angelim. Depois, as árvores de segunda linha, usadas para a construção civil. O que sobra é um bosque ralo, vulnerável ao fogo, mas classificado como floresta intocada pelo sistema de monitoramento.

A área devastada todo ano na Amazônia, somando-se desmatamento e exploração madeireira, é de 26,8 mil quilômetros quadrados – e não apenas os 19 mil quilômetros quadrados registrados oficialmente. A região não tem mais 13,9% de sua cobertura verde, uma área equivalente à da França. A técnica é capaz de identificar clareiras e picadas abertas na mata pelos madeireiros e poderá ajudar na localização de áreas de risco antes que as queimadas aconteçam. Ocorre que 15% das áreas de exploração intensiva de madeira viram pasto já em um ano. "São florestas fragilizadas, que podem queimar facilmente nos próximos anos", diz o engenheiro florestal paulista Eraldo Matricardi, da Universidade de Michigan.

O levantamento também revelou o alcance da exploração de madeira na Amazônia. Entre 1989 e 1992, as madeireiras trabalharam numa área de floresta de 5.700 quilômetros quadrados. Nos anos seguintes até 1996, transferiram-se para outras áreas, com 9.500 quilômetros quadrados no total. Entre 1997 e 1999, o espaço ampliou-

se para 23.400 quilômetros quadrados, correspondentes à metade do Estado do Rio de Janeiro.

Os principais focos da ação madeireira estão nas regiões de Paragominas e Novo Progresso, no Pará, e de Sinop, em Mato Grosso. Juntos, os dois Estados concentram 91% das áreas de exploração abusiva. Um estudo feito pelo Ministério do Meio Ambiente estimou que 80% da atividade é ilegal. E outros 15% não obedecem às regras ambientais. Para obter a autorização para extrair os troncos, as empresas apresentam ao Ibama um plano de manejo, propondo-se a retirar uma quantidade pequena de árvores de determinada região. Mas, descumprindo o prometido, vão para outro lugar. Abrem estradas estreitas na mata cerrada e pequenas clareiras, onde os trabalhadores acampam e acumulam as árvores cortadas.

O Ibama teve uma ação mais agressiva nos últimos anos. Em 2001, apreendeu 295 mil metros cúbicos de madeira irregular e aplicou R\$ 222 milhões em multas. Só uma madeireira, do município de Castelo dos Sonhos, no Pa-



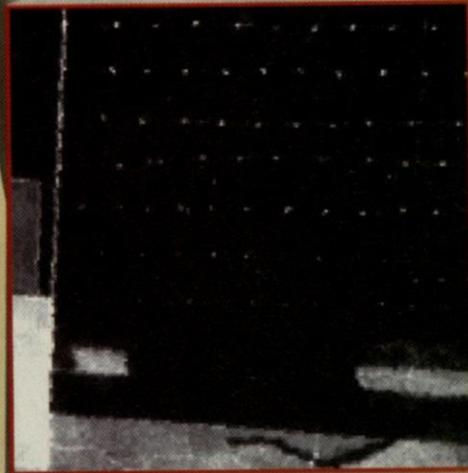
Marcelo Sayão/Ag. O Globo

O VERDE DIMINUI

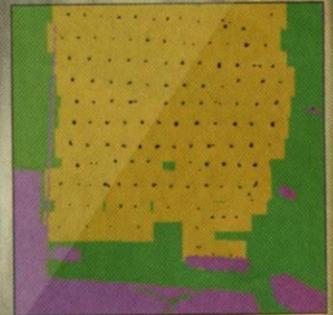
DEVASTAÇÃO INVISÍVEL

Como a nova técnica permite enxergar a ação das madeireiras na floresta

As imagens de satélite usadas para monitorar a Amazônia mostram uma área de floresta aparentemente intacta



Na imagem tratada por programa de computador, as clareiras abertas na mata pelas madeireiras ficam visíveis na forma de pontos brancos



O computador calcula automaticamente qual é a área de floresta explorada pelas madeireiras, assinalando-a com a cor amarela

rá, teve de pagar R\$ 11 milhões por extração ilegal de mogno. Mas o órgão está a anos-luz de coibir o grosso da destruição. Com apenas 586 agentes para toda a extensão da Amazônia, o Ibama só consegue deter 2% do fluxo ilegal de madeira da região. A nova técnica pode permitir uma virada nesse jogo. "Com um instrumento como esse, será possível identificar a ação dos madeireiros pelas fotos de satélite e correr para a área de helicóptero", diz José Leland Barroso, ex-chefe de fiscalização do Ibama.

Extrair madeiras de alto valor comercial não é um problema em si. Ao contrário, o manejo racional da floresta é a melhor alternativa na Amazônia para gerar emprego e manter a mata saudável. Não é, contudo, o que as madeireiras fazem. Elas retiram até 40% das árvores e esgotam a floresta. O certo seria tirar só as árvores maduras, deixando a mata regenerar-se naturalmente. Estima-se que, explorando a Floresta Amazônica com cuidado, 20% dela bastaria para suprir a demanda de madeira do mercado brasileiro – que é o maior consumidor do mundo. Também seriam gerados US\$ 5 bilhões por ano para exportação. ■

O MAPA ATUALIZADO

A Amazônia depois que os cientistas identificaram os novos focos de retirada de madeira

